

Pompa e circunstância: a construção do Edifício Dona Palmira

Pomp and circumstance: the construction of Dona Palmira Building

Pompa y circunstancia: la construcción del Edificio Dona Palmira

CORDEIRO DA COSTA, André Luís

Arquiteto e Urbanista, Doutorado em Especialização em Arquitectura–Arquitetura: Teoria, Projecto, História – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, andreluis.fct.unesp@gmail.com

RESUMO (100 a 250 palavras)

O Edifício Dona Palmira assim como a respetiva área de inserção urbana imediata, no “coração” do Bairro Batel, Curitiba, Paraná, Brasil, é o objeto de estudo desta investigação. Projetada pelo proeminente arquiteto Ayrton João “Lolô” Cornelsen, e edificada pela Construtora Comercial e Industrial S/A, Comasa, a construção pioneira no processo de verticalização do bairro destacava sumptuosa na Paisagem Urbana. O objetivo está na melhor compreensão dos processos sublimados na disseminação de um repertório arquitetônico Moderno na cidade de Curitiba, considerada periférica num panorama mais geral da arquitetura. Através da análise e síntese documental das fontes primárias, tais como plantas, seções, alçados, escrituras, matérias jornalísticas, atas, alvarás, levantamentos fotográficos, etc., e da comparação metódica regular das diferenças sucessivas crescentes sobre as plantas e fotografias aéreas da cidade, soma-se às fontes secundárias e referências bibliográficas, inédito registro. Entende-se que a expansão da cidade e, mais especificamente do bairro, não é resultado direto de mera especulação imobiliária, tampouco do espírito de fraternidade da comunidade, mas antes, fruto de decisões muito mais complexas que certamente ultrapassam os discursos caprichosos do acaso. Razão pela qual projeto e bairro influenciaram-se mutuamente sob a égide de toda a pompa e circunstância.

PALAVRAS-CHAVES (3 a 5): Movimento Moderno, Ayrton João “Lolô” Cornelsen, Construtora Comasa. Paisagem Urbana, Bairro Batel.

ABSTRACT (100 to 250 words)

The Dona Palmira Building, as well as its immediate urban insertion area, in the heart of Batel Neighborhood, Curitiba, Paraná, Brazil, is the object study of the present inquiry. Designed by the prominent architect Ayrton João “Lolô” Cornelsen, and built by Construtora Comercial e Industrial S/A, Comasa, the pioneering construction stood out sumptuous in townscape. The main objective is to comprehend the process sublimated in the dissemination of a Modern architecture repertoire in the City of Curitiba, considered as “peripheral” in a general architecture panorama. Through documentary analysis and synthesis of primary sources such as plants, sections, elevations, scriptures, journals, minutes, permits, photographic registries, etc., and regular methodologic comparison of increasing successive differences on the city’s aerial plants and photographs, is, added to the secondary sources and bibliographic references, an unpublished record. It is understood that the city’s expansion, and more specifically of the neighborhood is not a direct result of mere real estate speculation, nor of the fraternal spirit, but rather the result of much more complexes decisions that certainly surpass the whimsical discourses of chance. This is why project and neighborhood both influenced each other under the aegis of all pomp and circumstance.

KEY WORDS (3 a 5): Modern Movement, Ayrton João “Lolô” Cornelsen, Construtora Comasa, Townscape, Batel Neighbourhood.

RESÚMEN (100 a 250 palabras)

El Edificio Dona Palmira así como su respectiva zona inmediata de inserción urbana en el “corazón” del Barrio Batel, Curitiba, Paraná, Brasil, es el objeto de estudio de esta investigación. Diseñada por el prominente arquitecto Ayrton João “Lolô” Cornelsen y edificada por la Constructora Comercial e Industrial S/A, Comasa, la construcción pionera en el proceso de verticalización del barrio destaca suntuosa en el Paisaje Urbano. El objetivo está en la comprensión más amplia de los procesos sublimados en la diseminación de un repertorio arquitectónico Moderno en la ciudad de Curitiba, considerada periférica en un panorama más general de la arquitectura. A partir del análisis y síntesis documental de las fuentes primarias, tales como plantas, secciones, alzados, escrituras, periódicos, actas, levantamientos fotográficos, etc., y de la comparación metódica regular de las diferencias sucesivas crecientes sobre las plantas y fotografías panorámicas de la ciudad, se suma a las fuentes secundarias y referencias bibliográficas, registro inédito. Se entiende que la expansión de la ciudad y, más específicamente del barrio, no es resultado directo de mera especulación inmobiliaria, tampoco del espíritu fraterno de la comunidad, pero antes fruto de decisiones mucho más complejas que ciertamente sobrepasan los discursos caprichosos de azar. Razón por la cual proyecto y barrio se influenciaron mutuamente bajo la égida de la pompa y circunstância.

PALABRAS CLAVE: Movimiento Moderno, Ayrton João “Lolô” Cornelsen, Constructora Comasa, Paisaje Urbano, Barrio Batel.

1 INTRODUÇÃO

Um *artefato* sumptuoso, extremamente robusto e, talvez, precisamente por isso um tanto desengonçado. Arte, no sentido *lato* do âmbito disciplinar, a arquitetura; fato, no que concerne ao *facto*, o produto da razão. Em meio à consolidada Paisagem Urbana da Avenida Visconde de Guarapuava, apinhada dos maiores arranha-céus de gosto duvidoso, prevalece, com os seus pouco mais de dez pavimentos, o portentoso edifício. As dimensões, hoje acanhadas na comparação análoga às construções envolventes, já pareceram maiores, quando realçado por sobre os telhados das residências ecléticas dos anos 1940 que um dia predominaram naquela região da cidade. Ainda baseando-nos em questões morfológicas, vale dizer que tal destaque provém, igualmente, da circunstância de não existência daquelas divisórias envoltórias de todo excludentes, que têm como condição *sine qua non* o apartamento do privado do público – pois aplicam instrumentos de delimitação do território patentes aos presídios, jardins zoológicos, aquários, entre outros, sob a feição de jaulas, gaiolas, gradis, cercas eletrificadas, arame farpado e chapas grossas de vidro laminado – cuja ocorrência é, infelizmente, verificada na vasta maioria dos residenciais curitibanos e alegadamente justificada em razão da falta de segurança pública. Fatores que seguramente o diferem da soma, ainda que tenha sido idealizado para a utilização do segmento mais abastado da sociedade.

A *priori* foram analisadas cerca de uma centena de fotografias do Bairro Batel, muitas das quais de vista área e panorâmicas, registradas entre o final do século XIX e início do século XXI. A *posteriori*, estas foram pertinentemente confrontadas com mapas e plantas da cidade de Curitiba, datados de 1850 a 2010. Estabelecidas as transformações ocorridas na Paisagem Urbana nesse ínterim, recorreremos à

coleta das pranchas originais do objeto de estudo, dispostas num arquivo localizado no barrilete do Edifício Dona Palmira. Logo percebemos que estas não correspondiam ao que estava construído, e estavam coletivamente assinadas pela Construtora Comercial e Industrial S/A, Comasa. Entretanto, por haver indícios de que era uma obra autoral e que deveriam existir ao menos projetos executivos ou anteprojetos mais desenvolvidos, recorremos ao Arquivo Público Municipal de Curitiba, pelo que obtivemos a confirmação de que havia mais de setenta documentos relativos ao projeto de aprovação e processos subsequentes, assinado pelos responsáveis pela Técnica de Estruturas S.C., José de Almendra Freitas Neto, Ernesto Sperandio Junior, Inaldo Ayres Vieira, e pela Comasa, assinado pelo arquiteto Ayrton João Cornelsen. Não obstante, lobrigamos o arquivo pessoal de Rui Vilares Cordeiro, então Director Superintendente da Comasa, e obtivemos uma sequência de registros documentais que se somam ao levantamento fotográfico da situação presente que também realizamos.

2 DESENVOLVIMENTO

O Bairro Batel era, e ainda é, uma sobreposição de um conjunto de camadas, *layers de significação*, que remetem a diferentes épocas, evolução que nem sempre sucedeu de maneira lenta e gradual, conquanto clara e evidente por ter produzido uma série de rupturas nada silenciosas na Paisagem. Do antigo Caminho que conduzia ao Oeste do Paraná os viajores, catalisador das transformações urbanas envolventes, as primeiras casas coloniais resultantes da superação do desafio da diferença que mesclavam a arquitetura local com as técnicas construtivas trazidas pelos imigrantes. Os galpões e depósitos de erva-mate e as terras pertencentes aos seus respectivos barões, entre os quais Ildefonso Correa, o injustiçado Barão do Serro Azul; as ruas de terra que ganhavam calçamento e os trilhos do ferrocarril; as casas de médicos e cidadãos ilustres que, ao apartarem-se do Centro da cidade levavam uma vida provinciana na capital; as casas dos mais fiéis que ao lado da nova igreja ganhavam expressão mais rija, substitutas não tão fiéis ao território quanto as de mata-junta deitadas abaixo; a praça que abrigava o engenho demolido para a construção de portentoso edifício e um marco referencial. Panorama convidativo à construção de uma nova cidade, uma Portela curitibana, tão próxima do Centro e ao mesmo tempo dotada de qualquer coisa que lembrava a vida na província. Local propício para a demolição de um par de casas antigas e feitura de um empreendimento habitacional.

Ao menos foi o que se pensou. A Construtora Comercial e Industrial S/A era na década de 1970, uma das maiores construtoras do Brasil. Com incentivos outorgados pelas diretrizes do Banco Nacional de Habitação, BNH, promoveu a construção de diversos empreendimentos imobiliários. De fato, como na



ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



maioria das construtoras, uma das suas principais estratégias comerciais consistia na seleção de sítios da cidade ligeiramente próximos às zonas de mais evidente expansão urbana para que, após a valorização da área, tivesse início a construção, venda ou sublocação do bem edificado. Embora fosse grande o esforço governamental para que a população deixasse de ser locatária para ser proprietária de um imóvel, como denotado nos mais diferentes assentamentos de então, muitos foram os que motivados pelo baixo custo dos aluguéis chegaram a trocar a casa própria para empenhar o valor da venda nos mais diferentes tipos de investimento. “Ficaria assim a questão esvaziada do seu interesse aparente se não fora o caso de os altos níveis de rendimento exigidos para se obter financiamento para casa própria estarem a transformar em alugada uma faixa numerosa de pessoas que, em circunstâncias diferentes, seria potencialmente compradora.” (VILARES CORDEIRO, 1977). Movimento que não foi tão facilmente percebido, de modo que pela lei da oferta e da procura, caíram por terra um sem número de incorporadoras que passaram a ser vítimas do próprio sistema que as fomentara.

À espera da adoção de outras políticas econômicas, a depressão tomou conta do mercado da construção e, num momento tão delicado, restou finalizar os empreendimentos ainda em construção, de tal modo que as unidades não vendidas tivessem, ao menos, condições de arrendamento. A estratégia do negócio, perante as mudanças no financiamento habitacional determinadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, BNDE, teria de mudar. O comportamento da população média, público-alvo, perante uma crise iminente inviabilizaria o empreendimento. O valor a que cada unidade teria que ser vendida para que não houvesse prejuízo seria de valor muito elevado, chegando facilmente a um milhão e tantos Cruzeiros. Sobrariam, então, muitas unidades à venda pois não havia atrativos suficientes no projeto idealizado de um Edifício Habitacional Moderno para o segmento que de fato seria capaz de adquirir as unidades habitacionais por um valor tão elevado. Sob tais condições, a proposta do arquiteto precisava ser revista, pelo que diversas alterações tiveram de ser realizadas, a começar pela suspensão das escavações e terraplenagem – que já chegava a meio do lote – e mudanças nos acessos que, devido à adição de novo pavimento à cota do térreo, tiveram se der ligeiramente cambiados.

Curitiba não tinha solução, era um drama. Quando o Alfred Agache veio para cá iniciar o Plano Diretor, tive a felicidade de conhece-lo, porque trabalhava na Viação e Transportes e, assim, passeávamos pela cidade para ele conhecer Curitiba. E fomos ficando amigos e perguntou: ‘o que você vai ser da tua vida?’. Como eu respondi que sabia pintar, desenhar e mais alguma coisa, ele me disse: ‘por que você não vai ser arquiteto?’. O Agache me disse: ‘eu vou te dar dois livros, do ‘pai da arquitetura’, que vai ser a expressão máxima desse mundo’. Era o Le Corbusier. Eu tenho os livros até hoje, e vou oferecer para a biblioteca do IAB. Eu não preciso mais deles. Eu me entusiasmei, ele foi o meu impulsionador, me apaixonei pela arquitetura. Assim, dois anos depois, saí da Prefeitura e montei uma empresa com o Júlio César de Araújo. Comecei a fazer arquitetura, já baseado no Le Corbusier. Gostei, aprendi, e acho que fui um bom discípulo dele. (CORNELSEN, 1998, p. 249).



Ayrton João “Lolô” Cornelsen era proeminente arquiteto nascido em Curitiba a 7 de julho de 1922 que, como nos conta Salvador Gnoato (GNOATO, 2009, p.81), dentre a autoria de projetos para diversos programas, destacavam-se as *primeiras realizações modernas de Curitiba* e um conjunto de obras públicas de porte e inestimável valor, como a sede do DER. “Depois de seu afastamento da vida pública, Lolo projetou mais três casas em 1963, adotando soluções estruturais mais ousadas. As propostas ‘brutalistas’ dos paulistas e dos arquitetos integrantes do recém-criado curso da UFPR, não agradavam a Lolo, principalmente pelo exagerado uso do concreto armado.” (GNOATO, 2009, p. 83). Na década de 1970, moveu-se com a família toda para Portugal, e costuma relatar que soube, logo no avião, antes mesmo de aterrizar em Lisboa que havia falecido António de Oliveira Salazar, o grande estadista nacionalista português, à época dos estados totalitários.¹ Enganam-se, porém, os que acreditam que o fato a ditadura tenha acabado. Seu sucessor, Marcello Caetano foi até o fim do Estado Novo, findo com a Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974, o Presidente do Conselho de Ministros de Portugal. Nessas circunstâncias, adquiriu eminência pela participação em alguns projetos, sobretudo a partir da execução de projetos para autódromos como o de Luanda, em 1972, e do Estoril, em 1974, que coincidentemente está hoje envolto em grande polêmica.

Figura 1: Capa do caderno de projetos com a logomarca do Edifício Dona Palmira. Estilização do perfil da esposa do Sr. Virgílio Silva, da Comasa.



Fonte: Autor, 2019.

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



Devido ao seu temperamento marcante, de personalidade excêntrica e sentimento aflorado, chegou a ser alcunhado como *louco*, entretanto não é o que pensavam os *portugueses da Comasa* e que, inclusivamente, compuseram o *corpus* ministerial daquele governo português: os diálogos entre contratados e contratantes nos revela sempre algo a mais do que a comparação direta e regular das diferenças é capaz. O confronto dos dados e informações por *analogia* também pode ser complementado pelas relações de *afinidade* que culminaram com o projeto em homenagem à Dona Palmira, esposa de um dos investidores, cujo rosto estampava a logomarca do empreendimento. A maio de 1976, o projeto para o Edifício Dona Palmira era aprovado pela Prefeitura Municipal de Curitiba e o seu robusto prisma de geometria complexa, composta por três blocos retangulares interconectados ao centro, começava a ganhar forma. Ao todo, abriga 52 unidades habitacionais, e chama-nos atenção a complexidade do conjunto edificado, em que o uso dos *pilotis*, os sistemas estruturais com grandes vãos, os terraços ajardinados, a *planta livre*, os grandes painos de vidro avarandados, como releituras de *janelas-fita*, as *fachadas livres* que seriam ainda revestidas por chapas metálicas e *brise soleils*, e os *terraços-jardim*, acima e abaixo, fariam satisfeito qualquer profissional – português ou não – corbuseriano da época.

Figura 2: Fotografia atual do Edifício Dona Palmira.



Fonte: Autor, 2019.

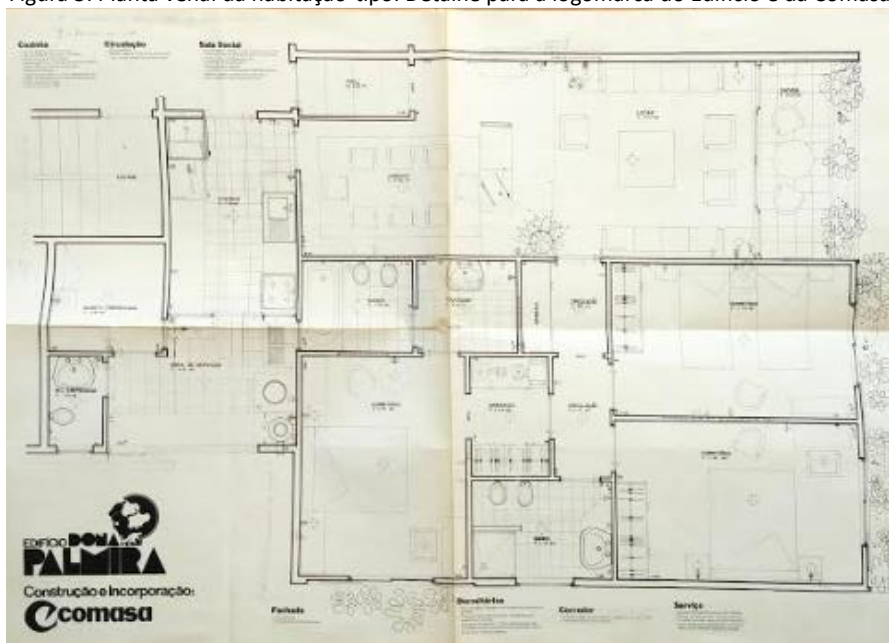
ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



Verdadeiras obras de arte, tais como os vitrais que separavam o público do privado, o painel que fica atrás do balcão da portaria, a azulejaria dos banheiros e o padrão das diferentes pedras de mármore branco que completam a fachada e o piso dos acessos. Características de um projeto Moderno amaneirado, adaptado às circunstâncias locais e venais, como as portas endossadas de imbuia e as arcadas – que estruturalmente não são pórticos no hall dos elevadores – demonstram. Em suma, a adesão de novos investidores, na tentativa de superar o declínio nas vendas no setor imobiliário que, de acordo com o Diretor Superintendente da Comasa, superavam a ordem dos 30%, pesou nos adornos e *amaneiramento* dos elementos construtivos. Rebocos com mais de 6 cm de espessura esconderam bem – mas não completamente, elementos estruturais e os encontros da alvenaria com as vigas. Ainda, o desemparelhamento com o mercado obrigou a construtora a repensar o emprego das chapas metálicas e *brises* nas fachadas. Na década de 2010, o edifício completou mais de 30 anos, pelo que problemas sobretudo na parte hidráulica surgiram, pelo que as prumadas foram substituídas e grande parte das unidades habitacionais reformadas. Em todo o caso, considerando a maneira pela qual a pompa lida com a circunstância, temos *a limine* luta sem quartel pela preservação do patrimônio arquitetônico moderno curitibano que é, também, a própria história da cidade.

Figura 3: Planta venal da habitação-tipo. Detalhe para a logomarca do Edifício e da Comasa.



Fonte: Autor, 2019.



PROJETAR
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEPÇÃO DO
AMBIENTE



3 CONCLUSÃO

A primeira conclusão a que se chegou é a respeito do arquiteto: para além dos projetos desenvolvidos tanto para a iniciativa pública quanto para a privada entre as décadas de 1950 e 1970, Ayrton Lolô Cornelsen de fato foi para a Europa, mais especificamente Portugal, onde desempenhou atividade profissional que merece destaque – salienta-se que Luanda, Angola, fazia então parte do território português. Segundo ele próprio, jamais teria sido em sua vida mais feliz.¹¹ É verdade que alguns anos mais tarde, especificamente a partir de 1974 quando ocorreu a Revolução dos Cravos, torna a desenvolver projetos no Brasil, mais especificamente em Curitiba. Alguns deles para a Construtora Comercial e Industrial S/A, COMASA, entre as quais o Edifício Dona Palmira, localizado no “coração” do Bairro Batel. Época em que a diminuição da presença do Banco Nacional de Habitação e do comportamento da população perante uma depressão econômica que hoje, sabidamente, foi uma das maiores crises pelas quais o país passou, fizeram com que o projeto passasse por ligeiras alterações. Ainda assim, entende-se que elas não foram expressivas para que se escondesse a obra ou a deixassem sem exame. Pelo contrário, a construção reflete a maneira mesma pela qual a região foi pensada, tendo sido pioneira de uma verticalização desenfreada cujos projetos são assinados por outras figuras eloquentes da arquitetura Moderna curitibana, tais como Elgson Ribeiro Gomes ou Luiz Forte Netto.

Percebemos que a mentalidade que culminou com a verticalização do bairro era, sem dúvida, mercadológica e industrial, no sentido em que os terrenos foram adquiridos a um baixo custo, construídos, e então comercializados sob a feição de unidades habitacionais parceladas. Podemos dizer também que, a princípio, essa verticalização tinha como objetivo atender às diretrizes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, então BNDE, que foram alteradas, fazendo com que edificações Modernas – dotadas das mesmas características empregues numa cidade modernista – fossem alteradas à procura de um novo perfil de habitantes. Como a velha máxima “*não há crise no mercado de luxo*” fez-se especialmente presente em Curitiba, os segmentos mais privilegiados da sociedade passaram a ser o alvo das campanhas de vendas.

A ideia do habitar foi, portanto, substituída pela ideia daquilo que é necessário ter para que mais rapidamente se possa arrendar. Em tais circunstâncias, a racionalidade, muitas vezes, perde espaço para a superficialidade e abundam as soluções amaneiradas, mais complexas e até mesmo contraditórias às suas origens. Nesse sentido, o campo morfológico, que nos deu as pistas ao começo do trabalho, também as dá ao final, pois a constatação da realidade revela a insuficiência patente ao conjunto de instrumentos de regulação urbanística usualmente empregues. Na esfera disciplinar da



ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



arquitetura, admitimos que a determinação do uso do solo, da densidade, das taxas de permeabilidade, dos parâmetros de ocupação, etc., são sobremaneira importantes, porém não asseguram ou salvagam *per se* a qualidade das construções que formam e conformam a cidade. Contudo, tal insuficiência não significa a adoção de posturas revisionistas e, tampouco, em defesa do fim da regulamentação. Mas, sobretudo, a consciência de que para além dos fatores que permeiam o âmbito legislativo, temos de considerar a circunspeção coletiva como elemento transformador da cidade. Afinal um projeto de um edifício, estende-se ao próprio bairro e depende diretamente das posturas muitas vezes variáveis e incongruentes de projetistas, clientes e construtores.



4 REFERÊNCIAS

CORNELSEN, A. J. Palestra realizada no Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Paraná – IAB-PR em 02 de julho de 1998. In: Berriel, A., Suzuki, J. *Memória do arquiteto: pioneiros da arquitetura e do urbanismo no Paraná*. Curitiba: IAB-PR, UFPR, 2012, p. 248-261.

DEL RIO, V. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.

GALANI, L. “Curitiba me abandonou”, desabafa Lolô Cornelsen: engenheiro e arquiteto de pedigree, Ayrton Cornelsen é um dos últimos da heroica geração de modernistas brasileiros a andar entre nós. Agora sua vida ganha as telas dos cinemas com o documentário *Homem Asfalto* a partir do próximo dia 17. Curitiba: *Gazeta do Povo*, 14. Fev. 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/curitiba-me-abandonou-desabafa-lolo-cornelsen/>>.

GNOATO, L. S. P *Arquitetura do movimento moderno em Curitiba*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

MARTINS, F. Primeiro condomínio de casas em Curitiba tem inspiração em Portugal; conheça o projeto: primeiro condomínio de casas em Curitiba fica no São Lourenço, guarda história pouco conhecida e tem a assinatura de um dos arquitetos mais emblemáticos da cidade. Curitiba: *Gazeta do Povo*, 07. Mai.2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/vila-curitiba-inspirada-em-portugal/>>.

VILARES CORDEIRO, Rui. Mesa redonda sobre o mercado imobiliário. In: *Caderno 2*. Curitiba: *Gazeta do Povo*, 11. Set. 1977, p. 9.

_____. Entrevista com Rui Vilares superintendente da Comasa. In: *CASA NOVA – Projeto e construção*. Curitiba: Diário do Paraná, 11. Nov. 1977, p.8.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, PMC.

ROSSI, A. *La arquitectura de la ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972, 1978, 2015.

XAVIER, A. *Arquitetura moderna em Curitiba*. São Paulo: Pini; Curitiba: FCC, 1986.

ⁱ Menção à matéria publicada por Luan Galani na *Gazeta do Povo* em 14 de Fevereiro de 2017.

ⁱⁱ Comentário de Ayrton João “Lolô” Cornelsen encontrado na coletânea organizada por Andrea Berriel e Juliana Suzuki.